



Esculturas com talheres

Tony Grilo criou uma colecção de autor para a Chistofle onde facas, garfos e colheres assumem funções de mesas, de pratos e de candeeiros. Texto de Maria Antónia Ascensão

Há dois anos, a directora artística da marca francesa Christofle, Brigitte Fitoussi, em vista à Experimenta Design deu de

caras com um objecto que lhe captou de a atenção. Tinha o nome "Dysfunction" e era uma mesa totalmente estruturada com talheres de diferentes marcas. Em conversa com o autor da peça, o designer Tony Grilo, disse-lhe que queria uma assim mas feita exclusivamente com talheres Christofle. O designer gostou da irreverência da proposta e aceitou o desafio. O resultado foi mais além e traduz-se numa colecção de autor para a conhecida marca, especializada na arte da mesa.

No final do ano passado, a colecção foi revelada em Paris e, na semana passada, em Lisboa – onde as peças podem ser vistas, e compradas, até ao final de Maio no Pavilhão Christofle, em Lisboa.

Há outras obras de arte, para além da mesa. Uma infinidade de facas formam um candelabro, uma dezena de colheres de café formam um candelabro, pratos surgem feitos de garfos, e cabos de facas transformam-se em cestos.

"Vamos brincando com as formas que temos na mão. As colheres vão segurar a vela que vai derretendo para dentro das pequenas colheres", explica o designer, acentuando que há "um jogo para cada peça".

Para além da estética houve um cuidado de dar funcionalidade a estas obras. E parece que o artista conseguiu uma vez que dos cinco exemplares da mesa já se vendeu um em Lisboa

O que nos atraiu foi a expressão artística de Tony Grilo e não o facto de ser português

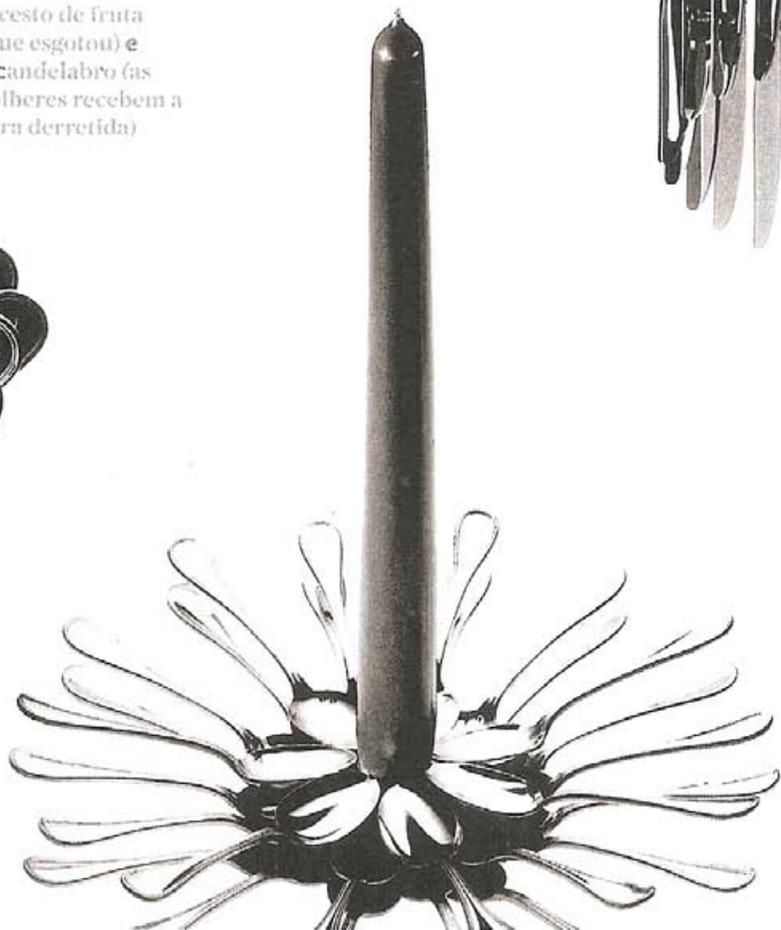
(por €25.293) e os cestos de fruta (€4.046) já estão esgotados.

Para Tony Grilo o grande desafio foi a nível técnico: conseguir resolver a produção de todas as peças para se poderem fazer as séries limitadas. "As ideias não são o problema, porque enquanto designers as ideias surgem naturalmente, às vezes o complicado é conseguir pôr todas em prática".

A mesa, como não tem nenhuma estrutura de apoio aos talheres e precisa 3.500 a 4.000 soldaduras, é feita em Portugal, pela Objection, empresa que Tony Grilo partilha com o designer Elder Monteiro. "É um pouco complexo a nível técnico porque é um trabalho escultural", explica o designer. Já a produção dos outros objectos conta com a colaboração dos artesãos das oficinas da Christofle, que utilizam um "savoir faire" manual que têm na área.

"O que nos atraiu foi a expressão artística de Tony Grilo e não o facto de ser um designer português", explica o director executivo da Christofle, Pedro Alves Pires, de origem portuguesa. "Queremos fazer belas peças que dêem prazer às pessoas porque a única forma de sucesso no mundo do luxo é garantir que os clientes, que pagam muito pelas peças, tenham prazer em as possuir e utilizar." Contratar artistas é uma das formas que a marca francesa encontrou para desenvolver esse prazer.

O cesto de fruta (que esgotou) e o candelabro (as colheres recebem a cera derretida)





Depois de Lisboa, a exposição das peças rumo a Nova Iorque e Tóquio. Mesmo que já se tenham esgotado os exemplares, podem ser encomendados e fabricados outros, de forma personalizada.

Tony Grilo assume que o que gosta mais de fazer é produtos, mas não existem marcas suficientes em Portugal para justificar uma especialização nesta área. Por isso, diz, “há que experimentar e tentar um pouco de tudo”.

De origem franco-portuguesa, nasceu em 1979, em Nancy, França e terminou o curso de design, em 2001, na Boule – a escola superior que é uma referência em termos de design. No mesmo ano recebeu um convite do também designer Marco Sousa Santos para integrar a equipa da sua agência, a “Proto Design”. Foi quando decidiu instalar-se em Portugal. “Não foi uma atracção pelas origens, foi um acaso”, diz.

Participou em várias exposições, entre as quais a “Wickergames” em Berlim. Em 2003 organizou “workshops” com vários designers e escolas de design internacionais. Expôs alguns dos seus projectos (protótipos e produtos acabados) em Lisboa durante a In’nova, feira dedicada à arte da mesa. Junta-se então aos Radi Designers, em particular a Robert Staler que o convidou a regressar a Paris para colaborar com eles. Foi, mas voltou para coordenar vários projectos para a In’nova. É nesta altura que recebe o convite da chinesa Moona, para desenhar móveis de design para o mercado asiático.

Há pouco mais de dois anos fundou com o designer Elder Monteiro a sua própria agência, Objection, que presta serviços de consultoria e design global, como sejam a concepção de objectos, ambientes e a organização e produ- →

Um desafio: quem ousará colocar-se debaixo deste candeeiro de facas?

ção de eventos. "A nossa empresa aposta na criatividade, originalidade e cultura do design nas respostas aos clientes. Somos designers, não somos artistas, respondemos aos diversos pedidos dos nossos clientes, desde o mais comercial ao mais extravagante ou artístico." Em termos de design concentra-se na ligação entre ele e a pessoa que irá usar a peça que ele cria. O objecto em si, em termos de formas, pouco lhe interessa. No lado da produção, diz que gosta de "provocar" a engenharia.

Entre Tony Grilo e a Christofle aconteceu qualquer coisa. No futuro vamos ver como podemos continuar esta colaboração que vem dar valor à marca e à expressão artística dos produtos. Tony Grilo reconhece a importância desta colaboração e espera que a Christofle lhe dê maior visibilidade no mercado internacional. "Quais vão ser as oportunidades?, só o futuro dirá", refere.

A Christofle exporta para 95 países e tem vontade de diversificar cada vez mais este tipo de colaborações, de desenvolvimento de produtos de edição limitada, que permita alargar o espírito da marca. "É nesta fase de reestruturação da empresa em que nos encontramos que é a altura certa para o fazer", diz Pedro Alves Pires.

Segundo o gestor, nos últimos 20 anos a empresa "encolheu-se" e ficou um pouco fechada na sua história. Agora, os novos accionistas querem-lhe dar um novo impulso: "aumentar a qualidade e a expressão artista, que a marca sempre teve e onde foi sempre pioneira". Aliás, no princípio do século passado a Christofle já tinha trabalhado com alguns designers e a vontade é reforçar estas colaborações. "Estas colecções, de edição limitada, trazem um 'aporte', quer na qualidade quer na criação e enriquecem a marca", diz o gestor.

Portugal é um mercado muito importante

A mesa, com ou não tem nenhuma estrutura de apoio aos talheres e precisa 3.500 a 4.000 soldaduras

para a Christofle. "Porque tem uma tradição muito próxima da francesa. Portugal é um país que tem uma história e uma cultura da mesa, à semelhança de França e de Itália. "O luxo vende em Portugal. O dinheiro é a coisa menos importante, porque pessoas com dinheiro existem em todo o mundo, o que não há tanto é o desejo de comprar um produto bonito. Um país que tem uma tradição forte é sempre um bom país para o luxo". Também diz que esta colecção, assinada por um designer português, também projecta a imagem de Portugal pelo mundo.

Tony Grilo revela que agora acredita mais neste tipo de mercado. "O facto de fazer peças que podem ter uma continuidade no tempo, e que aconteceu um bocadinho por acaso, é enriquecedor e dá mais vontade de explorar esta área."

Até Setembro, a Christofle vai lançar para o mercado mais duas colecções de designers, mas a grande novidade acontecerá em Junho com a apresentação de cinco colecções de joalharia, área que foi iniciada há ano e meio com uma pequena colecção da designer André Putman. O lançamento de novos faqueiros deixará de acontecer de dois em dois anos e passa a acontecer de seis em seis meses, em materiais como a prata e o aço.

O português Pedro Alves Pires, tinha um ano quando emigrou com os pais para França. Fez os estudos de comércio internacional e começou a trabalhar na parte de óculos na Yves Saint Laurent. Em 1989 mudou-se para a Baccarat, onde ficou onze anos. Começou por desenvolver as exportações na Europa e depois para a América, chegando a ocupar o cargo de vice-presidente da marca francesa especialista na comercialização de produtos de vidro e cristal. Um novo desafio na área da moda levou-o até à presidência da Givenchy. Mas foi na Baccarat que conheceu os actuais accionistas da Christofle que, há dois anos, o desafiaram a modernizar a Christofle. "Reorganizar, desenvolver a criação e a internacionalização, a reorganização. Eles foram buscar-me para fazer uma reorganização industrial, diversificar os produtos e incrementar a internacionalização", explica o gestor.

E as mudanças já começam a ganhar forma. A arte da mesa é a parte mais importante da Christofle, mas o gestor assume que a marca quer marcar presença forte na decoração e na joalharia, apoiando-se sempre na prata, o material associado à marca que tem, pelo mundo, 2500 pontos de venda.

Fica uma curiosidade, contada por Pedro Alves Pires. Um dos fornos para fazer cristal de grande qualidade foi inventado pela Baccarat e vendido – sem direitos – à Atlantis pela empresa construtora dos fornos. Só que quando o forno chegou a Portugal ninguém sabia fazê-lo funcionar. Apesar de ter sido "enganada", a Baccarat aceitou mandar uns técnicos para pôr o forno a produzir e daí resultaram também algumas colaborações entre estas duas marcas especialistas na arte vidreira. ●

